

O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E CULTURAL DE CATAGUASES: A INAUGURAÇÃO DO COLÉGIO DE CATAGUASES E A SUA RELAÇÃO COM O MOVIMENTO MODERNISTA VERDE

Rodrigo Caetano*

Resumo: O objetivo desse trabalho é abordar o desenvolvimento industrial de Cataguases no início do século e a participação da iniciativa privada na criação do primeiro Ginásio de Cataguases e mostrar que uma sucessão de fatos ligados a esse estabelecimento de ensino contribuiu para o Movimento Modernista local. Apresentamos alguns pontos relacionados com o contexto da educação brasileira ao longo de quarenta anos, até a fundação do Colégio de Cataguases, sob o comando de Francisco Ignácio Peixoto. Membro do movimento Verde nos 20 e um dos principais responsáveis pela herança modernista na cidade, que existe até os dias de hoje.

Palavras-chave: Indústria Têxtil. Francisco Ignácio Peixoto. Modernismo. Colégio de Cataguases.

Introdução

Cataguases é um município mineiro situado na Zona da Mata de Minas Gerais, estando a 320 quilômetros da capital, Belo Horizonte. Em conformidade com o último censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sua população é de quase 70 mil habitantes.

Fundada em 7 de setembro de 1877, a cidade possui um polo industrial voltado em parte das suas atividades para a indústria de tecelagem. Destacam-se no seu cenário industrial a *Companhia Industrial Cataguases* (têxtil), *Cataguzes de Papel* (reciclagem de papéis), a Mineradora Rio Pomba-Cataguases, a Companhia Manufatora (algodão hidrófilo), o Grupo Zollern (metalurgia) e o Grupo Energisa, uma das principais empresas do setor elétrico do país.

* Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro/RJ. E-mail: rodrigo.caetano@engenharia.ufjf.br

Considerada cidade histórica, Cataguases se diferencia das cidades mineiras do período barroco, pois apresenta fortes características e influências modernistas. Possui um rico acervo de prédios e monumentos, tombados em 1994 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), além de contar com uma produção cinematográfica intensa, desde os tempos de Humberto Mauro, diretor de filmes como o *O Descobrimento do Brasil* (1937), cuja trilha sonora é de Heitor Vila-Lobos. Atualmente, o perfil de cidade do cinema é mantido com a realização anual do *Festival Ver e Fazer Filmes*.

Do ponto de vista artístico-literário, dois autores nascidos na cidade se destacam: Luiz Ruffato, vencedor do *Prêmio Jabuti* com *Eles eram muitos cavalos* e Luiz Lopes, com suas séries de obras sobre o tema “campo de futebol”. Mas a tradição cultural começou nos anos vinte, com o movimento conhecido como *Movimento Verde* e pela *Revista Verde* que publicava periódicos relacionados com a arte e a cultura. Colocando Cataguases como centro atuante do Movimento Modernista que vinte anos mais tarde, na década de 40, mudaria a arquitetura da cidade.

Os traços modernistas também se aproximaram da fé cristã. Uma demonstração dessa proximidade é o Santuário de Santa Rita de Cássia, projetado pelo arquiteto Edgar Guimarães do Vale. O templo católico é um reflexo do tempo em que foi construído e faz menção clara ao mundo que vivenciou a Segunda Grande Guerra Mundial. A sua torre principal lembra um morteiro, enquanto a nave tem formato de asa de avião, fazendo menção a uma aeronave que tivesse sido derrubada por um míssil e que ficou destruída ao atingir o solo.

Outro ponto célebre do modernismo cataguasense é o Colégio Cataguases, assunto principal deste trabalho, que tem por objetivo discutir as relações sociais e culturais no contexto de uma cidade do interior que vivia intensas mudanças desde o início do século XX. Tendo como agente principal um intelectual, escritor, filho de industrial português e como cenário essa importante instituição de ensino.

1 Processo de industrialização de Cataguases e a fundação do Ginásio de Cataguases

O Colégio Cataguases foi fundado como uma instituição privada, funcionando na década de 50 em um regime de internato masculino e externato misto, oferecendo aulas no regime de coeducação para os níveis ginásial e colegial, conhecidos hoje como clássico e científico, respectivamente. O seu proprietário e mentor, foi Francisco Ignácio Peixoto, um

intelectual, escritor, poeta e um dos precursores do Movimento Modernista Brasileiro, em conjunto com outras personalidades cataguasenses como: Rosário Fusco, Ascâncio Lopes, Camilo Soares Filho, Guilhermino César, entre outros.

Uma das maiores evidências do modernismo na cidade são os traços arquitetônicos do Colégio Cataguases, projetado por um dos mais importantes arquitetos de nosso país, o mundialmente renomado, Oscar Niemeyer. Contudo, antes de falarmos dos primeiros anos de funcionamento do Colégio e do movimento modernista local, devemos voltar no tempo, aproximadamente aos primeiros anos do século XX, e entender quais foram as motivações para que Cataguases tivesse um estabelecimento de ensino e quais as razões que levaram a cidade ser uma verdadeira enciclopédia de memórias desse movimento.

Por volta do ano de 1905, o município passou por um período de industrialização e de intensa atividade urbana e já contava com alguns serviços básicos como os Correios (1872), rede de esgoto e água potável (1892) e uma linha de trem que ia até o Rio de Janeiro, gerida pela *The Leopoldina Railway Company* (1877). E, nesse mesmo ano, foi criada a Companhia Fiação e Tecelagem de Cataguases (CFTC), um dos marcos desse período de industrialização, em uma parceria que envolveu alguns empreendedores locais — Coronel Joaquim Gomes de Araújo Porto, Major Maurício Eugenio Murgel, Coronel João Duarte Ferreira e Dr. Norberto Custódio Ferreira —, operando com teares movidos a álcool, vapor e petróleo (da SILVA, 2005).

A diversidade de fontes de energia serviu de motivação para que três dos quatro acionistas da companhia de fiação fundassem no mesmo ano a Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina (CFLCL), atual Energisa, para a produção de eletricidade. Com a inauguração da usina, a companhia passou a operar com modernos teares elétricos vindos da Inglaterra e que garantiram uma produção mensal de 15 mil metros quadrados de tecidos (COSTA, 1977). Além do fato que a nova companhia foi a terceira sociedade anônima do Brasil a obter registro na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro.

Posteriormente a CFTC passaria para as mãos da família Peixoto, precisamente para Manuel Ignácio Peixoto, pai de Francisco, logo após uma crise ligada à escassez de algodão em 1910, que implicou na alta de preço da principal matéria prima desse setor. Nesse momento, Manuel Ignácio Peixoto assume o passivo da empresa e em 1911 a companhia passa a se chamar “M. Ignácio Peixoto”. Mas foi somente em 1913, que o comerciante

português nascido nos Açores, consegue o capital integralizado da fábrica que novamente teria o seu nome mudado, agora para “M. Ignácio Peixoto & Filhos”.

Portanto, em virtude de todo esse desenvolvimento e mudanças no cotidiano da cidade, SILVA (2005) afirma que a falta de um estabelecimento de ensino secundário conferia a Cataguases certo ar de inferioridade. Demanda que teve fim no dia 31 de março de 1910, com a inauguração do Ginásio e da Escola Normal de Cataguases, no mesmo terreno em que futuramente daria lugar para o Colégio de Cataguases.

É interessante salientar que o pensamento de instalar um estabelecimento de ensino é bem anterior à data de inauguração do Ginásio e da Escola Normal. De acordo com o projeto de Lei nº 86, da Câmara Municipal, Art. 1º que data de 15 de outubro de 1896, promulgado pelo Agente-Executivo Municipal Dr. Antônio Cavalcanti Sobra, o Ginásio de Cataguases seria criado e mantido pela Câmara Municipal. Um estabelecimento que teria como objetivo a formação secundária, modelado pelos estabelecimentos congêneres, custeados pelo governo do Estado (COSTA, 1977).

Naquela época, o sistema federativo instituído pela Constituição da República de 1891 estabeleceu, em termos de legislação educacional, uma dualidade de sistemas. Ficando ao encargo da União a criação de instituições de ensino superior e secundário nos Estados e prover a instrução secundária do Distrito Federal. Competindo aos Estados prover e legislar sobre a educação primária; na prática, porém, os Estados se incumbiram do ensino profissionalizante também, com as famosas Escolas Normais para as moças e as Escolas Técnicas para os rapazes. Um sistema que vinha se mantendo desde o Império e oficializava a distância entre a educação da classe dominante (escolas acadêmicas e escolas superiores) e a educação do povo (escola primária e profissional), um retrato da organização social brasileira (ROMANELLI, 1978).

No entanto, a União mantinha o Colégio Pedro II e o Ginásio Nacional, com sistema de internato e externato e, alguns dos estados, um único ginásio nas capitais. No interior do país, as instituições secundaristas eram mantidas pela iniciativa privada e em Cataguases não foi tão diferente (NAGLE, 2001).

Temos informações positivas e seguras de que um grupo de capitalistas e comerciantes da nossa praça, cuja frente acham os Srs Manoel Ignácio Peixoto, João Duarte Ferreira e Antônio Henriques Felipe, está organizando uma Associação para o elevado profícuo afim de fundar nesta cidade um Ginásio e uma Escola Normal – O Cataguases, 17 de outubro de 1909 (COSTA, 1977).

2 Antigo Ginásio Municipal de Cataguases

O Ginásio de Cataguases, posteriormente Ginásio Municipal de Cataguases, foi fundado pelos imigrantes portugueses Manuel Ignácio Peixoto (industrial) e por João Duarte Ferreira (político), que organizaram a firma *Peixoto, Duarte & Cia* para administrar o colégio. Porém, os primeiros anos do estabelecimento de ensino não foram estáveis e o seu primeiro diretor, Padre Theófilo, não ficou ao menos um ano no cargo e o colégio passou para a orientação do Instituto Metodista *Grambery* de Juiz de Fora. Uma tutela que durou de 9 de fevereiro de 1911 até 27 de novembro de 1913 (COSTA, 1977)

No início de 1914, o colégio filiou-se ao Ginásio São José de Ubá, de propriedade e direção dos professores José Januário Carneiro e Antônio Amaro Martins da Costa que delegaram ao professor Arnaldo Carneiro Viana em conjunto com Prof. Amaro, a direção do colégio até o ano de 1917, quando o próprio professor Antônio Amaro se mudou em definitivo para Cataguases assumindo a direção até 1923, quando ele adquiriu o terreno e o edifício. E é sob o seu comando que o Ginásio ganha prestígio a nível regional (SILVA, 2005).

Em 3 de março de 1914 o Governo Estadual lhe concedeu a regalia de escola Normal pelo decreto nº 4141. Logo depois, o Governo Federal lhe concedia Bancas Examinadoras, que funcionaram até 1927. Suprimidas, por nova reforma do ensino, as Bancas Examinadoras, outorgou-se Ginásio o regime de inspeção prévia. Pelo decreto de nº 21921, de 10 de outubro de 1932, finalmente, tornou-se permanente a inspeção, ficando então o Ginásio considerado estabelecimento livre de ensino secundário (SILVA, 2005 apud O ESTUDANTE, 1950).

Em 10 de fevereiro de 1925, a Escola Normal é desmembrada do Colégio e passa para a direção das Irmãs Carmelitas da Divina Providência. Em 1927, o Ginásio de Cataguases muda de nome, passando a se chamar Ginásio Municipal de Cataguases. Em 1934, foi arrendado aos Padres Agostinianos, mas já no ano seguinte retornava às mãos do Professor Antônio Amaro.

3 Fundação do Colégio Cataguases

Por volta dos anos 40, o ginásio carecia de uma reforma geral e o seu diretor, o professor Antônio Amaro, sentia-se cansado do trabalho à frente do Ginásio depois de mais de quarenta anos no magistério e pensava em reorganizar a sua vida para se aposentar. Nessas

circunstâncias, o antigo ginásio ficou na iminência de ser fechado, fato que não aconteceu graças a Francisco Ignácio, que movido pelo seu imenso apreço e carinho pelo velho professor Amaro e pela instituição que havia sido fundada pelo pai, Francisco compra o terreno e o edifício localizados na Granjaria.

Em 1942, a firma Peixoto & Cia Ltda adquiriu o educandário e os seus novos diretores foram: Francisco Ignácio Peixoto e Manuel das Neves Peixoto. Em 1945, o projeto de um novo edifício é encomendado a Oscar Niemeyer. E no ano de 1949, o prédio com linhas modernistas fica pronto, entrando para a história como um marco do movimento modernista no Brasil e em Cataguases. Mas é com o decreto de número 21.476, de 22 de julho de 1946, que o Ginásio Municipal de Cataguases transformou-se no Colégio Cataguases. (COSTA, 1977). Durante todo esse tempo, a construção foi realizada de forma gradativa.

No mesmo ano em que a nova direção assumia foi promulgada a Lei Orgânica do Ensino Secundário, na gestão do ministro de Getúlio Vargas, Gustavo Capanema. Até essa data o educandário compreendia o curso fundamental, de cinco anos, de acordo com o artigo 3º do Decreto Federal nº 19890 de 18 de abril de 1931. Com a nova lei, houve a determinação da mudança no ensino secundário, com a divisão em dois ciclos, o primeiro (ginasial) e o segundo subdividido em clássico e científico. E conforme SILVA (2005), uma mudança um pouco complicada, na qual Francisco Ignácio Peixoto precisou dos préstimos dos amigos Marques Rebelo e Camilo Soares, com os quais trocava correspondências frequentemente e que o ajudaram a cuidar da elaboração do novo currículo e da regulamentação dos professores.

O próprio Francisco Ignácio, que era formado em Direito, fez parte do corpo docente do antigo ginásio como professor de História, sob a chefia de Antônio Amaro. Além disso, ele era devidamente habilitado pelo MEC (Ministério da Educação) a ministrar as disciplinas de Português, Francês e Espanhol. Período bastante complicado para encontrar professores de certas disciplinas. Um fato que corrobora com a preocupação de Francisco, anos depois, quando assumiu o ginásio e teve de reformular o colégio em conformidade com o decreto de 1942. Sua função de diretor durou cerca de vinte anos, de 1942 a 1962.

Como educador e intelectual a frente de seu tempo, Francisco via a escolarização como motor da história, crendo em uma postura modernista, afinal o Modernismo deflagrou uma série de inovações que recusavam os padrões estabelecidos para a época (IGLÉSIAS, 2002). Mesmo não tendo uma formação que condizia com o seu papel de educador, ele tinha

um compromisso firmado com a educação, a literatura e as artes de um modo geral. Tanto que, paralelamente ao currículo oficial, o colégio pretendia sensibilizar os alunos para valorizarem as artes e as expressões culturais (SILVA, 2005).

4 Arquitetura e Movimento Modernista no Colégio Cataguases

Ao lançarmos um olhar sobre a modernidade e a arquitetura cataguasense somos levados a refletir sobre a própria história do movimento modernista e reconhecemos na figura de Francisco Ignácio Peixoto a principal personagem por trás de toda essa transformação no município. Arquitetos como Aldary Toledo, Francisco Bolonha, Flávio Aquino, Carlos Leitão e Edgar do Valle, além é claro, do próprio Niemeyer, foram responsáveis por diversas construções na década de 40 e 50 na cidade e que colocaram Cataguases na rota do modernismo. Outros projetos arquitetônicos que semelhantemente se destacaram no Brasil dessa época, são o prédio do Ministério da Educação no Rio de Janeiro e o conjunto da Pampulha em Belo Horizonte.

A arquitetura do Colégio Cataguases, não se atém tanto ao quesito da funcionalidade. No entanto, ao relacionarmos as construções de outros prédios escolares, a nível local e nacional, vemos as suas especificidades (COSTA, 1977). Pois nas demais escolas havia um predomínio de edifícios austeros, com formato interno que obedecia ao modelo panóptico, facilitando a vigilância e o controle dos alunos e funcionários (SILVA 2005 apud ESCOLANO & FRAGO, 1998).

Em geral, a arquitetura escolar combinou a clausura ou encerramento com a acentuada ostentação de um edifício sólido cujas paredes constituíam a fronteira com o exterior ou que se achava separado desse exterior por uma zona mais ou menos ampla do campo escolar e um muro ou grade que assinalava os limites do espaço reservado (SILVA 2005 apud ESCOLANO & FRAGO, 1998).

Os primeiros prédios escolares cataguasenses seguiam uma tendência da época, rompendo com o passado rural do país e incorporando construções com certo ar majestoso, que logo se destacaram na paisagem. De acordo com NUNES (2003), a arquitetura escolar brasileira resistiu ao moderno e *“foi matizada pela peculiaridade de nunca assumir radicalmente a proposta inovadora da vanguarda modernista e se identificar muito mais com o Art Decô”*.

O Movimento Modernista tem raízes mais profundas que a estética do Colégio Cataguases. Como movimento artístico e literário forneceu um pano de fundo para a obra educativa e um dos seus principais desdobramentos aconteceu em 1922, na Semana de Arte Moderna. A Semana, que ocorreu entre os dias 11 e 17 de fevereiro em São Paulo, contribuiu para consolidar inúmeros grupos que publicaram livros, revistas e manifestos em vários estados brasileiros, dentre os quais Minas Gerais. Um desses grupos, reconhecido e citado nas publicações sobre o Movimento Modernista Brasileiro foi o grupo da Revista Verde.

Diferentemente dos paulistas e dos cariocas, os mineiros não estiveram na Europa. E muitos alunos do antigo ginásio contribuíram para o modernismo local, entre eles, Guilhermino César (BOSI, 1994). Um ex-aluno nascido em Eugenópolis, que ficou conhecido pelo seu trabalho como jornalista, escritor, professor e historiador brasileiro, presidindo o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e em parceria com Francisco Ignácio, escreveu o livro *Meia Pataca*. Guilhermino nos apresenta suas lembranças da década de 20 em uma nota no Caderno de Sábado datada de 1979: “Fomos colhidos pela insurreição modernista. O ginásio fervia de literatura mal assimilada. Seus estudantes liam de tudo um pouco, principalmente ‘os novos’ da Semana de Arte Moderna e respectivos sequazes espalhados pelo Brasil” (SILVA, 2005; SANT’ANA, 2009).

Em 1927, Henrique de Resende (diretor), Antônio Martins Mendes, Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Camilo Soares Filho, Christophoro Fonte Boa, Francisco Ignácio Peixoto, Guilhermino César, Oswaldo Abritta, Renato Gama e Martins Mendes se uniram e formaram a Revista Verde, que funcionou de setembro de 1927 a janeiro de 1928, tendo uma edição em 1929. Com a morte prematura de Ascânio Lopes aos 21 anos de idade, o grupo se dissolveu e a Verde (como era conhecida), teve apenas seis periódicos. O grupo também teve ligações com o cineasta Humberto Mauro, que naquele momento vivia na cidade e ficou reconhecido pelo seu pioneirismo no cinema nacional (SANT’ANA, 2009).

Se a Semana de Arte Moderna levou o país a integrar-se às coordenadas culturais, políticas e sócio-econômicas do século XX (TELES, 2002), Cataguases também teve o seu processo de passagem para a modernidade (BRANCO, 2002), no qual se inscreveram a literatura e o cinema, ainda dissociados, e, portanto, sem influências recíprocas. Por isso, não poderíamos estudar o Colégio Cataguases sem considerar a influência das ideias, que nortearam o Movimento Verde, à medida que Francisco Ignácio Peixoto era um dos

fundadores do grupo e tinha como um de seus aspectos, a vontade de implantar a sua visão modernista no novo colégio.

Reformar somente o prédio, adaptá-lo às novas exigências, pareceu-lhe precário [...] O melhor seria construir um edifício à altura, uma obra que desse o que falar, que fosse um orgulho para a cidade (SILVA, 2005 apud REBELO, 2002).

O Colégio de Cataguases não deixa dúvidas sobre sua inserção numa nova linguagem arquitetônica, seja pela estética ou pelo uso de novos materiais e técnicas de construção. Visto sob a perspectiva de um edifício escolar podemos atribuir-lhe o caráter inovador. Em primeiro lugar pelas próprias linhas modernistas que, como já vimos anteriormente, se distinguia dos modelos da época, não apenas no que diz respeito à fachada e entorno como às dependências interiores, todas com uma série de elementos que ratificam e consolidam a opção pelo moderno. Ao lado dele outras obras importantes se destacaram, como o Museu de Belas Artes de Cataguases e o seu painel *Tiradentes*, de Cândido Portinari; a escultura *O pensador* de Jan Zach; o painel de pastilhas de Paulo Werneck, o Museu de Artes Populares e, somando-se a todos esses trabalhos, o paisagismo de Burle Marx e o mobiliário de Joaquim Tenreiro (SILVA, 2005).

Outro ponto que devemos salientar é a relação de amizade entre Niemeyer e Francisco Ignácio, que além da relação cordial entre profissional e cliente, mantinham como ideais o Modernismo e o Comunismo. Acalentando o ideal de um dia ver patrão e empregado compartilhando a mesma arquitetura (MIRANDA, 1995).

O Colégio estava situado longe da linha férrea e do tráfego urbano e a quinhentos metros da principal via da cidade, a Avenida Astolfo Dutra, e era ligado a ela por uma estrada revestida de saibro. No seu entorno se localizava uma série de árvores frutíferas e eucaliptos, que completavam a paisagem de linhas modernas de Burle Marx. A água que abastecia o prédio era captada em manilhas e distribuída para todas as dependências do colégio. As águas pluviais não empoçavam por conta do projeto de escoamento para um córrego nas proximidades. Uma profusa rede de esgoto servia o edifício atendendo as determinações de órgãos de saúde pública daquele tempo e garantindo padrões de salubridade para alunos, professores e demais funcionários.

Pela sua condição de afastamento de ensino e se encontrando afastado do centro urbano, longe de vizinhos, o Colégio Cataguases desfrutava de um ambiente calmo e

bucólico, propício ao ensino. As salas de aula eram providas de janelas inacessíveis aos alunos. A parte da frente do prédio possuía um declive que dava acesso à praça de esportes. O mobiliário, feito por Joaquim Tenreiro, era funcional. Os alunos se sentavam em carteiras individuais, uma grande novidade, já que eram comuns os alunos se sentarem em duplas. Nos dormitórios do alojamento, havia camas fixas ao chão, armários e mesas com luz individual para os internos estudarem.

O auditório da escola é outro elemento que também conferia grande visibilidade a esse aspecto modernista. Além dele, o colégio sediou em suas instalações dois museus: o Museu de Belas Artes de Cataguases e o Museu de Arte Popular, organizado pelo escritor Marques Rebelo que doou boa parte de suas obras para o acervo. Na coleção do primeiro figuravam quadros de pintores famosos, nacionais e estrangeiros, tais como: Iberê Camargo, Jean Luçat, Beloborodonov, Luis Jardim, Clóvis Graciano, Osvaldo Goeldi, Jan Zach, Durval Serra, Mueller Kraus, Tomás Santa Rosa Júnior, Atos Bulcão, Fayga Ostrower, Alberto da Veiga Guinard, Di Cavalcanti, Marcelo Grassmann, Farnese, Aldari Toledo, Juan Del Prete, Yllen Kerr, Van Rogger, Epstein, entre outros artistas renomados. No entanto, a mais celebre de todas as obras era o painel *Tiradentes*, de Cândido Portinari, vendido em 1977 para o governo de São Paulo pela quantia de quatro milhões de cruzeiros e que hoje está à vista no Memorial da América Latina, em São Paulo.

5 Considerações finais

Cataguases é um capítulo muito interessante da História do Brasil. O movimento de industrialização que ocorreu na cidade acompanhou todo um processo industrial que se desenrolava no restante do país com a participação principal de imigrantes. A cidade exemplifica como esses industriais tiveram participação nas mudanças do início do século nas localidades em que viviam. Além do fato de que Cataguases, no ano em que a CFTC foi fundada, já possuía uma linha férrea para trens de passageiros que ligava a cidade ao Rio de Janeiro (da SILVA, 2005, permitindo às pessoas o acesso ao principal centro de cultura e conhecimento do país naquele momento. Um bom exemplo desse fluxo de pessoas é o próprio Francisco Ignácio que se formou no Rio no ano de 1930 na Faculdade Nacional no curso de Direito, após ter concluído o ensino básico no antigo ginásio da cidade mineira.

Outro ponto de destaque é a participação da iniciativa privada na fundação de estabelecimentos de ensino. Mesmo com o Estado e a União tendo as suas funções no contexto educacional, os estabelecimentos de ensino estavam todos em sua grande maioria nas capitais. Assim, o cidadão do interior que desejava educar os filhos, teria que mandá-los para fora. Porém, com a fundação do Ginásio Municipal de Cataguases pela firma de Manoel Ignácio, no município não haveria mais essa demanda, ainda que os únicos beneficiados fossem pessoas da elite.

Em relação ao movimento modernista, vemos que ele começa justamente na década de 20, quando aconteceu a Semana de Arte Moderna de São Paulo. Houve um grupo de jovens modernistas em Cataguases que participou do cotidiano do antigo ginásio e que dialogou também com outras formas de arte, como o cinema e a obra cinematográfica de Humberto Mauro. Mesmo com o fim prematuro da Revista Verde, por conta da morte de um dos integrantes, o movimento permaneceu vivo, movido pelos ideais modernistas e pelo carinho pela educação de Francisco Ignácio, um advogado que abriu mão da sua carreira jurídica em prol do ensino. Logo, o Colégio Cataguases é uma personificação do espírito artístico e um livro em aberto para explicar toda a riqueza histórica de Cataguases sob o ponto de vista artístico, cultural, arquitetônico e social.

Referências

BRANCO, Joaquim. **Passagem para a Modernidade:** transgressões e experimentos na poesia de Cataguases. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.

COSTA, Levy Simões. **Cataguases Centenária: Dados para sua História – Juiz de Fora:** Esdeva Empresa Gráfica S. A., 1977.

ESCOLANO, Augustin; FRAGO, Antônio Vinão. **Espaço e subjetividade:** a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

IGLÉSIAS, Francisco. **Modernismo:** uma reavaliação da Inteligência Nacional in O Modernismo. 2 edição. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MIRANDA, Selma Melo. **Um olhar sobre a Modernidade.** Secretária de Cultura Esporte e Turismo de Cataguases – Jan/Fev 1994.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República.** 2º edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NUNES, Clarice. **O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos.** Revista Brasileira de Educação: Mai/Jun/Jul/Ago. Nº 14, 1998.

REBELO Marques. **Trilogia O Espelho Partido.** 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil.** 26ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANT’ANA, Rivânia Maria Trotta. **O Movimento Modernista Verde, de Cataguases-MG: 1927 – 1929.** Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2009.

SILVA, Eloísa de Castro. **As representações do Colégio Cataguases e de suas práticas educativas nas memórias de seus ex-alunos (Década de 1950).** (Dissertação de Mestrado). Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Lucilene Nunes da. **As condições de saúde do operário têxtil na Zona da Mata Mineira, 1941 – Cataguases.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

TELES Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro de 1857 a 1972.** 17ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.